

Prémio **BRANQUINHO DA FONSECA** **EXPRESSO/GULBENKIAN**

Este Prémio bienal foi instituído em 2001, numa parceria entre a Fundação Calouste Gulbenkian e o jornal *Expresso*.

Tem como objectivo incentivar o aparecimento de jovens autores de literatura para crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 30 anos

As obras a concurso são originais não editados.

O Prémio inclui duas modalidades: modalidade infantil e modalidade juvenil e teve como júri, na primeira edição, Vasco Graça Moura, Isabel Alçada, José António Gomes, Francisco Belard (representante do *Expresso*) e Maria Helena Melim Borges (representante da FCG), e nas duas seguintes, Inês Pedrosa, Ana Maria Magalhães, José António Gomes, Francisco Belard (representante do *Expresso*) e Maria Helena Melim Borges (representante da FCG).

O valor do Prémio é de 5.000€ para o vencedor de cada modalidade.

O Prémio inclui ainda a publicação das obras vencedoras por editora a escolher segundo critérios previamente definidos, com o apoio da FCG.

A Casa da Leitura propõe um pequeno dossier a pretexto desta quarta edição, cujos vencedores foram, na modalidade infantil, Maria Luísa Soares de Oliveira da Costa Cabral, estudante universitária, de 22 anos, residente em Lisboa, com a obra *o Menino Árvore*; na modalidade juvenil, Estêvão Luís Bertoni Araújo e Silva, estudante de 16 anos, residente em Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, com a obra *O Dono da Festa*.

Aqui pode encontrar

- Inquérito aos premiados David Machado, Filipe Faria, João Borges da Cunha, Rita Taborda Duarte (Gonçalo M. Tavares não respondeu).
- Sugestões de leitura
- Notícias:
 - Alice e a Linguagem, Luciana Leiderfarb
 - Construir no Nada, Luciana Leiderfarb
 - Senhor das Trevas, Cristina Margato
- Ensaios:
 - Desafios da lógica, de José António Gomes
 - A lógica e a sombra, de Eduardo Prado Coelho
- Discursos:
 - Maria Luísa Costa Cabral
 - Estêvão Luís Bertoni

Inquérito

Que lugar tiveram as leituras no seu percurso?



David Machado

Há uns anos, entre amigos, falávamos dessa virtude fantástica que a música tem de trazer arrastadas memórias. Um deles explicou, com o maior assombro, que conseguia até encontrar cheiros e texturas antigos, felicidades há muito acabadas ou tristezas extintas entre os acordes de uma canção. De modo que de vez em quando ia buscar discos que já não escutava há várias décadas porque queria recordar uma namorada da sua adolescência, da mesma forma que tinha discos na sua colecção que se negava a tocar por medo aos horrores que lhe despertassem na cabeça e no coração.

Comigo sucede o mesmo, não só com a música mas também com os livros. Com a agravante de que por vezes as memórias da vida real chegam até mim misturadas com as histórias que lia nessa altura. Mais ainda: não só revivo um tempo da minha vida ao lembrar-me de um livro que já li, como a recordação de

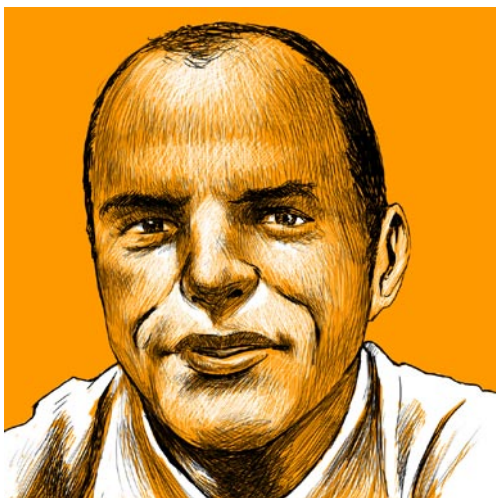
outro tempo me leva às histórias que lia então. E acabo sem saber distinguir o que é verdade e o que é ficção, o que eu pensei e senti e o que outros a quem li pensaram e sentiram. Na verdade, não tenho qualquer interesse em fazer essa distinção: os livros que já li, tal como tudo o que vivi, são parte indissociável daquilo que sou. Por isso o que faço, o que penso e o que escrevo não seria igual se tivesse lido um livro a menos do que aqueles que li.

Com toda a honestidade, não sei dizer se a reunião de amigos em que se discutiu as virtudes da música sucedeu mesmo ou se a li. Mas isso não é nada importante.



Filipe Faria

Foram a minha formação, a minha fonte de inspiração, e continuam a ser a melhor forma de exercitar os músculos da escrita.



João Borges da Cunha

Se por leituras entendermos a experiência de ler, então, em mim, não as destaco de uma macedónia de experiências no mundo da vida. Não me interessa pela demarcação alienada e alienante de uma polidinha esfera da leitura e dos livros, que depois, quando crescida e agrandada, se há-de tornar no magnífico universo do intelecto. Agora, o que sei é que como qualquer boa experiência, só a tornamos proveitosa e verdadeira se a pudermos repetir, e quanto mais repetida, melhor. Acontece que repetir um mergulho no mar é questão de uma onda atrás da outra. Repetir a leitura de um romance ou poema, já é coisa de trazer à pendura pelos dias. Por isso, é bom que se leia, relendo já. Só a releitura faz um bom leitor. A quem tem alguma curiosidade, mesmo que rasa, por tudo o que é texto, o tempo das leituras acabará por transfigurar, e um dia, há-de sair à rua com a cara de quem responde que são elas o que de mais importante a vida tem para dar.



Rita Taborda Duarte

Quando vejo que nos momentos verdadeiramente importantes são os livros que me salvam ou me resgatam; quando me apercebo de que há frases, versos, personagens que me vivem enterrados nos bolsos e que quando menos espero pulam cá para fora, para me defender de situações complicadas, às vezes sérias, por vezes complexas; aí compreendo que os livros não tiveram só um papel no meu percurso; mais do que isso eles foram, e são, na realidade, o meu percurso. Ou melhor, eu hoje sou aquilo que as minhas leituras me permitiram que fosse. E é isso que eu concluo todos os dias, no decurso do meu quotidiano: quando, depois da ritual história nocturna, os meus filhos só adormecem a ouvir-me citar (de memória, que o livro há muito se perdeu) o «bichinho de conta conta/ e o bichinho de conta contou», de Sidónio Muralha; quando me apercebo de que quando quero falar aos meus alunos dos mais complexos conceitos de linguística e literatura, só consigo *dizer o que quero de facto dizer*, se tiver a *A Alice do Outro lado do Espelho*, a meu lado, a servir-me de exemplo; quando reparo que o *Príncipezinho* e a *Alice* de Carroll tomaram conta da minha «Verdadeira História da Alice», meu primeiro livro para crianças...

Como avalia a produção actual de literatura para a infância e juventude (temas, estilos, qualidades e defeitos)? Que autores deste género considera e porquê?

David Machado

A verdade é que não estou a par da actual produção literária para a infância e juventude. Pelo simples de facto de que já não sou nem criança nem adolescente. Como tal, há muito que essas histórias não exercem sobre mim o fascínio de antigamente. E acredito que aquelas que o fazem se podem encontrar em dois pólos opostos: ou estão dotadas de tal génio que é possível descobrir nelas leituras paralelas que encantam de formas distintas a miúdos e a graúdos, ou então não cumprem o seu papel original e nesse caso são más histórias para crianças ou adolescentes. Por outro lado apercebo-me, com satisfação, de que o mercado dos livros infantis e juvenis está mais rico. Há mais editoras que apostam nestes géneros, há mais ilustradores profissionalizados, há mais atenção da parte da comunicação social, há mais iniciativas que promovem o contacto dos leitores com os autores e há mais autores que procuram novas formas de contar histórias a crianças e adolescentes.

Filipe Faria

De oito a oitenta, passou-se de uma oferta quase uniforme em estilo e conteúdo para uma extraordinária diversidade nos últimos anos.

João Borges da Cunha

Depois de lidos uns indicadores de há horas, que punham os géneros infantil e juvenil no topo das vendas em todos os tipos de estabelecimento, só resta a congratulação satisfeita pelo que se produz, mesmo sabendo que por

detrás, há um culto industrioso às coisas de feitiçaria e outras fantasias assim de altas. A imagem de um mundo das crianças, e dos ainda não homenzinhos nem mulherzinhas, a ser o motor de um portento económico no sector livreiro, faz pensar numa deliciosa desforra dos menores, apesar de o mais certo ser a *juvenilização* e a *infantilização* de todos os gostos e comportamentos. E olhando para o que aí está, parece uma boa forma de avaliação a que usa a escala das enxurradas e das tempestades (tanta tralha, tanto tesouro, algumas relíquias até). É que só assim, alguma coisa de diferente, mesmo que marginal, se há-de transformar em achado. Aqui, quantidade é qualidade. Deixá-los ter de tudo, do concebível (livros escritos pelas próprias crianças), ao inconcebível (os grandes clássicos desmontados, com literatura de instruções inclusa); do precioso (a Ilse Losa), ao desastroso (o grande romancista prepara-se para escrever um livro infantil, já está a escrever um livro infantil: escreveu um livro infantil). Pelo menos, desta forma, não hão-de ficar, como noutros tempos (os meus?), condenados a passar da Enid Blyton (e os canónicos “Cinco” – e depois os “Sete”, e já agora o Noddy), directamente para os romances do Júlio Dinis, não restando da recuada infância, outra coisa que duvidosos heróis: a Anita dos livros da mana, o Sandokan em versão fotonovela (com disco de 45 rotações de oferta), e o Cristo no missal. Quando foi de vir a ser jovem (ó jovem!), lá houve guinada e os heróis mudaram. De um supetão (para não dizer verão, que seria como todos dizem), foi a Anne no anexo, o Robert Jordan na Guerra Civil de Espanha, e o velho Santiago e o mar traduzido pelo Jorge de Sena. Era já o que sou hoje. Adulto?

Rita Taborda Duarte

Cada vez se publica mais e diferentemente. É muito interessante ver, nas livrarias, a convivência entre autores consagrados, que nunca hão-de ver os seus livros ultrapassados, e novos autores, novas propostas, tanto no que respeita ao texto, como à ilustração. Penso que a ironia, aliada à ideia de que os miúdos de hoje – talvez menos ingénuos do que os de ontem – têm um sentido de humor apurado, pode ser uma das marcas da literatura para a infância. Por vezes, entristece ver algumas simplificações nos textos por parte de quem pensa que os livros infantis, por serem para as crianças, se podem dispensar de ser literatura...

Há autores que me acompanham desde sempre (alguns, quase sem querer, já fui referindo), mas prefiro não os citar, porque sei que lembrando dez, esquecerei outros dez. E sei que dessa injustiça não me perdoaria depois.

Para que serve um Prémio como este?

David Machado

Existem muitos prémios e concursos literários no nosso país, mas poucos têm consequências. Por constatação pessoal, posso afirmar que este não é um deles. Se alguém se dá ao trabalho de ler dezenas de manuscritos candidatos para depois seleccionar os melhores, creio que é fundamental que o público de leitores possa gozar do resultado desse escrutínio. Por muita polémica que se encontre no veredicto final, a confiança no discernimento dos membros do júri e no bom-nome das instituições que organizam ou patrocinam o prémio será sempre uma garantia da qualidade da obra escolhida. Além disso, como é o caso do Branquinho da Fonseca, é

importante que numa primeira fase seja o prémio que está a promover o autor – desconhecido ou não – e não o contrário. E torna-se assim um meio relevante para o autor tomar contacto com editoras, com ilustradores, com escolas, com feiras do livro.

Filipe Faria

Abre as portas para o mundo editorial, e serve como apoio fundamental para novos talentos, nos quais muitas editoras poderiam de outra forma não investir.

João Borges da Cunha

Serve para rasgar a encaroçada tela mediática e propagandística onde se projectam os instituídos, e pelos rasgões, deixar ver o trabalho solitário e desamparado dos que, experimentando, não têm como ser reconhecidos. Às vezes pega. Ou esgaça. Parece linguagem da luta de classes, e é.

Rita Taborda Duarte

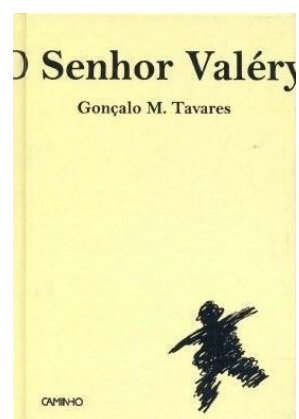
Posso dizê-lo assim, porque é elevado o meu grau de certeza: se não tivesse ganho o Prémio Branquinho da Fonseca, não teria, muito provavelmente, publicado *A Verdadeira História da Alice. E sendo assim, não teria também editado os dois livros que se seguiram (A Família dos Macacos e Os Miúdos do Piolho). Com certeza que não publicaria igualmente os dois que se seguirão (O Tempo ao Contrário e Três Histórias de Natal). Daí já se compreende para que serve um prémio como este: para desencantar livros que possam encantar a miudagem.*

Sugestões de leitura

O Senhor Valéry, Gonçalo M. Tavares, Rachel Caiano (ilustradora), Caminho, Lisboa, 2002

O Senhor Valéry (Prémio Branquinho da Fonseca, da Fundação Calouste Gulbenkian/jornal Expresso) reúne um conjunto de pequenas histórias que começam (quase) todas por... O senhor Valéry. As aventuras desta pequena personagem, que salta para se sentir alta, como todos os outros, "só que por menos tempo", possuem também um final semelhante: caem todas no buraco negro do absurdo. O senhor Valéry, que não é aldrabão, antes "pensa muito", faz de si o centro de uma certa lógica que aplica com o vigor de uma pedra no charco a tudo quanto o rodeia. E o exercício acaba por ser divertido em ondas concêntricas, sobretudo por nos questionar acerca do que é ou deixa de ser normal. As ilustrações de Rachel Caiano estabelecem com o texto uma relação de mera utilidade: o senhor Valéry, mestre no uso dos sentidos das palavras, precisa de alguns desenhos básicos para se explicar.

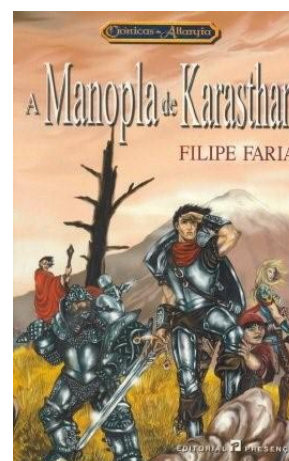
O Senhor Valéry, Gonçalo M. Tavares, Rachel Caiano (ilustradora), Caminho, Lisboa, 2002



A Manopla de Karasthan, Filipe Faria, Editorial Presença, Lisboa, 2002

Eis-nos em mais um dos universos paralelos típicos da fantasia, ramo literário que tantos frutos tem dado, para a mais completa gama de paladares, do doce ao amargo. Este primeiro volume das *Crónicas de Allaryia*, que foi Prémio Branquinho da Fonseca, da Fundação Calouste Gulbenkian/jornal Expresso, faz-nos experimentar mais uma faceta do sempiterno combate entre as trevas e a luz, levado a cabo por deuses, magos, guerreiros e uma infindável galeria de seres capazes de manusear uma espada e interpretar os céus. Filipe Faria veste a pele de Pearnon, o escriba, para nos levar pela mão a lugares que se alimentam ainda em demasia da herança tutelar de Tolkien.

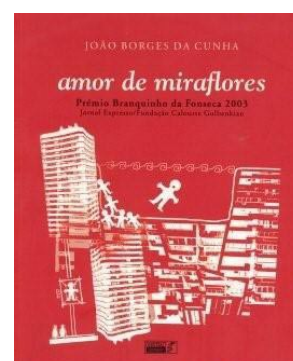
A Manopla de Karasthan, Filipe Faria, Editorial Presença, Lisboa, 2002



Amor de Miraflores, João Borges da Cunha, Patrícia Colunas (ilustradora), Quetzal Editores, Lisboa, 2004

Um bairro pode ser um mundo. Mais ainda se crescer connosco, difuso na infância, cada vez mais concreto na adolescência. *Amor de Miraflores* (Prémio Branquinho da Fonseca, da Fundação Calouste Gulbenkian/jornal Expresso em 2003) resulta numa espécie de mapa afectivo de um bairro suburbano, e portanto carismático, da zona de Lisboa. Cada pequeno conto é a descrição de um sítio, um equipamento, um espaço, mas com a respectiva carga de afectos pessoais e geracionais. São, ao mesmo tempo, personagens e cenários para a evolução de outras figuras: sejam o jovem narrador ou o Amor. Pequena novela de toada encantatória capaz de seduzir corações jovens abertos à sensibilidade. As ilustrações são demasiado... insensíveis.

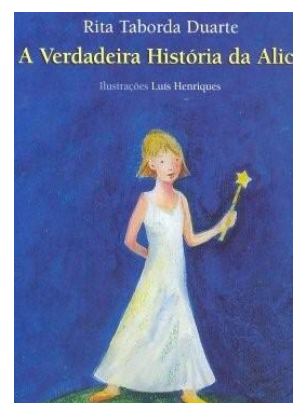
Amor de Miraflores, João Borges da Cunha, Patrícia Colunas (ilustradora), Quetzal Editores, Lisboa, 2004



A Verdadeira História da Alice, Rita Taborda Duarte, Luís Henriques (ilustrador), Caminho, Lisboa, 2004

Alice é uma pessoa pequena que observa com os olhos gigantescos da infância as pessoas grandes que a rodeiam. Uma vez feita a apresentação de Alice, ela percorre noutros contos o essencial da sua visão dos grandes: palavras, nomes, segredos. Fica assim preparada para entrar no grande espelho da sala, que é como quem diz, no reverso das coisas. Para Rita Taborda Duarte, *A Verdadeira História da Alice* (Prémio Branquinho da Fonseca, da Fundação Calouste Gulbenkian/jornal Expresso) passa pela observação, pela linguagem, pela poesia (há ainda uma curta antologia no final, que inclui, além da autora, Carlos de Oliveira, Alexandre O'Neill e Almeida Garrett). As ilustrações de Luís Henriques não se soltam nunca do óbvio.

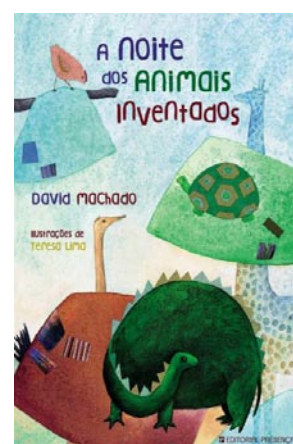
A Verdadeira História da Alice, Rita Taborda Duarte, Luís Henriques (ilustrador), Caminho, Lisboa, 2004



A noite dos animais inventados, David Machado, Teresa Lima (ilustradora), Editorial Presença, Lisboa, 2006

Vencedor, em 2005, do Prémio Branquinho da Fonseca, atribuído pelo jornal Expresso e pela Fundação Calouste Gulbenkian, *A Noite dos Animais Inventados*, de David Machado, é uma narrativa particularmente interessante pela singularidade do texto caracterizado por repetições (nomeadamente do adjectivo presente no título, que funciona quase como refrão ou eco) e jogos sonoros, onde a dimensão onírica é determinante. Tematizando questões ligadas ao sono, à noite e aos sonhos prodigiosos de quatro irmãos, a narrativa dá conta da riqueza da imaginação infantil, capaz de construir universos alternativos, neste caso dominados pela presença animal. Com ilustrações de Teresa Lima, o texto amplia as suas possibilidades de leitura, activando e fortalecendo as pontes entre realidade e maravilhoso, facticidade e ficção.

A noite dos animais inventados, David Machado, Teresa Lima (ilustradora), Editorial Presença, Lisboa, 2006



Notícias

ALICE E A LINGUAGEM

Luciana Leiderfarb

Expresso, 4 de Outubro de 2003

Alice não compreende que a mesa tenha pernas, ou que os adultos chamem “dona” a pessoas que podem não ser donas de nada. Está a começar a entrar num longo túnel que é o da apropriação da linguagem e, pelo caminho, depara-se com perplexidades que os adultos nem reparam, distraídos como estão com “coisas sérias”. Disto trata o livro *A Verdadeira História de Alice*, de Rita Taborda Duarte, que venceu o Prémio Branquinho da Fonseca Expresso/Gulbenkian na modalidade de literatura infantil.

A homenagem a *Alice do Outro Lado do Espelho* adivinha-se no título, por ser uma história ligada ao momento em que “começamos a ficcionar a nossa própria ideia de infância”; refere a autora. Mas é, na verdade, a poesia que marca o compasso. A poesia que Rita escreve desde os tempos em que publicava no “DN Jovem”, e que chegou a ganhar formato de livro há cinco anos sob o nome de Poética Breve. Actualmente, trabalha num projecto subsidiado pelo IPLB, no mesmo campo, e finalizou uma tese de mestrado sobre “a dificuldade de saber do que se fala quando falamos de poesia”. Em *A Verdadeira História de Alice*, esse universo encontra-se presente. Há citações de escritores que marcaram o seu percurso pessoal – Luísa Neto Jorge, Carlos de Oliveira, Garrett, O’Neill – e, no final, um caderno de poemas da protagonista. “Dei uma atenção muito grande ao ritmo, à musicalidade, à cadência”, diz Rita Taborda Duarte. Opções que se prendem com o facto de a criança ser receptiva a todo o tipo de utilização da linguagem por ainda não estar condicionada. “Quando elas chegam à língua, o adulto já cá está há muito tempo e dá tudo por adquirido”, explica. A experiência enquanto mãe e a sua própria memória permitiram-lhe o confronto de perspectivas. E a moral, se existir, é justamente a de que “cada um tem de se habituar às crianças e aos paios que tem”. Ambos os mundos, diferentes, devem ser aceites no contexto dessa diferença. Por isso, a determinada altura, Alice passa para lá do espelho e descobre uma realidade ao contrário, onde as transgressões são permitidas. Mas a menina acaba por preferir este mundo, o dos pais que ralham, o das “donas” de nada. “É sempre o adulto que escreve, não é?”, termina Rita.

CONSTRUIR NO NADA

Luciana Leiderfarb

Expresso, 4 de Outubro de 2003

“Todas as cidades da América têm uma Miraflores conquistada ao nada”, diz o livro, que tenta, justamente, dar uma história aos lugares sem história. Miraflores é um desses territórios levantados onde nada havia antes. E o livro corre pelo território autobiográfico de quem lá viveu e teve de encontrar aí as suas referências, por mais descaracterizado que o local fosse, por mais longínquo do “centro” que estivesse. *Amor de Miraflores*, de João Borges da Cunha, vencedor do Prémio Branquinho da Fonseca Expresso/Gulbenkian na modalidade de literatura juvenil, fala sobre pessoas que querem ser olhadas como pertencendo a um lugar. Divide-se em capítulos, muitos, minimais, cada um um espaço distinto do bairro – os subúrbios na sua admirável centralidade.

O autor aceita o desafio de vestir a pele de “historiador” do bairro. Percebe que aquelas pessoas com as quais se cruza diariamente podem ter, como ele, coisas a dizer acerca do sítio onde residem. “Senti-me um adolescente para quem o centro se resumia a isto: era um lugar que eu não ocupava”, diz João. Mais tarde, quando escolheu estudar arquitectura (que hoje exerce e ensina), percebeu que olhava para a cidade “como algo exterior ao qual gostava de aceder”, posição contrária “à dos que estão no centro e acham que todas as pessoas à volta não existem”.

A arquitectura deu-lhe a ideia de construção, de comparação, de encadeamento, de estratégia, noções que utiliza no que escreve, “porque um livro juvenil de construção desgarrada, muito simbólico ou demasiado elaborado, não vinga, não pega”. E há mensagens para transmitir, não há palavras sem mensagem. *Amor de Miraflores* tem a sua, que o autor não revela e guarda para posterior descoberta do potencial leitor. João Borges da Cunha, que nunca tinha publicado um livro antes, conta que escreve desde as primeiras redacções escolares, que continuou “de forma mais solitária e obscura” (os poemas da adolescência) e que no secundário ficou em 2º lugar num concurso literário. “Havia uma queda, uma inclinação”, refere. As leituras fizeram o resto: Borges, Sábato, Faulkner, Eça de Queiroz, Hemingway. Quanto a projectos, o próximo passo será a poesia. E “definitivamente” vai voltar ao género literário.

SENHOR DAS TREVAS

Cristina Margato

Expresso, 5 de Janeiro de 2002

Começou a imaginá-las quando tinha 12 anos. Aos 19, Allaryia e a história que nessa terra imaginada fez crescer já contavam quase 600 páginas e um prémio. Filipe Faria, escritor precoce e de um género sem tradição em Portugal, a “high fantasy”, viveu nos últimos três anos dentro de uma personagem – “Pearnon, o escriba, vosso humilde servo” –, narrador de uma saga que, à semelhança da criada pelo seu grande ídolo, J.R. Tolkien, é palco de lutas entre feiticeiros, duendes e elfos.

O livro, ainda por publicar, foi galardoado na primeira edição do Prémio Branquinho da Fonseca Expresso/Gulbenkian, que visa distinguir novos autores de literatura infantil e juvenil, e para Filipe Faria (premiado na modalidade juvenil) é apenas o primeiro de uma série de sete que pretende realizar. Escrito “com paixão” e uma determinação sem limites – que o faz pôr de lado muitas outras coisas que ocupam os jovens da sua idade –, *Crónicas de Allaryia/A Manopla de Karasthan* conta uma história “de um mundo de grandes heróis e infames vilões, florestas verdejantes e desertos inóspitos, poderosas nações e mesquinhos impérios”. Um mundo que também nasce de esboços a lápis – nos quais Filipe dá uma forma figurativa às personagens – e a que só falta uma linguagem própria, “porque uma tarefa dessas só pode ser desenvolvida por um grande linguista como Tolkien”. O que não quer dizer que não introduza na sua escrita alguns vocábulos novos.

O primeiro contacto com o autor anglo-saxónico, “o mestre”, ao qual vai buscar inspiração e referências, teve-o por volta dos 12 anos, no Colégio Alemão, onde estudou. Na biblioteca, descobriu uma enciclopédia sobre o autor, e desde então as suas atenções convergem nesse tipo de literatura. A trilogia *A Irmandade do Anel* e as restantes obras de Tolkien passaram a ser a “bíblia” de Filipe. Terá lido todos os livros dele “três ou quatro vezes, mas estão sempre abertos a uma nova leitura”. No secundário, deram-lhe uma visão negra da Idade Média, mas Filipe não ficou convencido. Dedicou muitas horas aos livros de História sobre essa época. À parte as obras de Bernard Cornwell, Robert Jordan, R. A. Salvatore, tudo o resto é lido por “obrigação escolar”. Detesta o Harry Potter, por ser um subgénero, bem como a “infantilidade” com que é vista em Portugal a literatura “high fantasy”:

Filipe está no 2º ano de Línguas e Literaturas Modernas (Inglês e Alemão), da Universidade Nova. Na Faculdade, e no círculo de amigos, conhecem-no por “corvo”, “vampiro”, “senhor das trevas”. Nomes que não terão apenas a ver com a literatura mas também com a forma como gosta de se vestir desde há pelo menos dois anos: sempre de preto. Prefere os dias de nevoeiro, detesta o calor e não sente curiosidade pelo mundo de hoje. Além das obras de música clássica, um só grupo actual entra no seu quarto: Manowar, cujo líder opta pela figura de um guerreiro.

A obsessão pela escrita não foi, no entanto, muito bem compreendida pela família: o pai, 54 anos, engenheiro, “que não gosta de ler”; a mãe, 53, professora de Educação Física; e dois irmãos mais novos – uma irmã com 12 e um irmão com 17. “O meu pai costumava dizer que eu nunca haveria de editar um livro”. Ao contrário do esperado, as considerações do pai só funcionaram como incentivo. “O facto de ele não acreditar deu-me ainda mais força para continuar”. De resto, contou com o apoio da mãe, que nunca deixou, contudo, de lhe dizer que ele “vê tudo a preto e cinzento”. Hoje, revela, o pai olha-o de outra maneira: “Queria que eu estudasse qualquer coisa relacionada com a matemática, nunca ficou satisfeito pelo facto de eu me ter virado para as Letras. Até ver os cifrões, sempre se manteve distante”.

Ao dinheiro do prémio, Filipe dará duas utilizações: uma parte servirá para financiar uma viagem à Escócia, que está a programar para as próximas férias de Verão, e a outra para pagar a capa do livro a um ilustrador norte-americano, Matt Stawicki, que trabalhou no jogo Dungeons & Dragons. Porque, mesmo que a editora não queira usar o trabalho do

Ensaio

DESAFIOS DA LÓGICA

José António Gomes

Expresso, 18 de Maio de 2002

O Senhor Valéry é o título da obra distinguida com o Prémio Branquinho da Fonseca (Expresso/Gulbenkian) na modalidade de Literatura para a Infância. O franzino protagonista das 25 micro-histórias que a compõem não aprecia ser posto em causa e, no fundo, é um solitário. Tendo aprendido princípios de lógica, o seu quotidiano é a permanente rentabilização dessa aprendizagem. Eis algumas das suas interrogações: como superar as desvantagens de uma pequena estatura?, como esquivar-se à água da chuva ao caminhar na rua?, como manter um animal doméstico sem correr o risco de criar com ele laços afectivos evitando assim sofrimentos incómodos? O senhor Valéry questiona-se também sobre a verdade e a mentira, a ligação entre o tempo e o espaço ou a relação do eu com o outro.

O dia-a-dia do respeitável senhor é ocupado, assim, com a construção de um sistema mental que, supõe-se, o ajuda a enfrentar estes e outros dilemas, alguns deles comezinhos, outros de profundas implicações filosóficas. O senhor Valéry pensa muito, teoriza e, como afirma o narrador, orgulha-se da sua lógica. Também por isso é raro nele o tom poético, e os seus exercícios lógicos surgem sempre ilustrados com esquemas e desenhos (dos quais se encarregou Rachel Caiano):

A lógica do senhor Valéry – formulada em termos simples e compreensíveis, numa escrita rigorosa e contida – afigura-se quase sempre imbatível, conquanto os raciocínios desemboquem em soluções risíveis, absurdas até, se encaradas a outra luz. É que, ao excesso de discussão, o pensamento obsessivo do herói prefere a linearidade aparentemente lógica e autoconvencida dos seus raciocínios. Em dado momento, surpreendemo-lo a declarar, “num tom filosófico e profundo”: “Se todas as coisas fossem cubos não haveria tantas discussões. E não existiria a dúvida.” O senhor Valéry sente-se pois incomodado com o pensamento divergente, não aprecia a dúvida, ainda que ela se instale insidiosa no seu espírito lógico, como por vezes acontece.

Percorrido pela ironia e por um humor fino, este conjunto de textos configura, assim, um microtratado sobre a estupidez humana. Ou melhor, sobre o modo como a inteligência lógica, quando desprovida de emoção, sentimento e bom senso, pode descambar na estupidez. Ao título apetece, pois, acrescentar um subtítulo: “A Fortuna e os Infortúnios da Lógica”. Lemos o livro com o prazer de estarmos a acompanhar um discurso extremamente inteligente sobre uma criatura cujo universo mental assenta na mais acabada tolice. Lemo-lo com um sorriso nos lábios que, por vezes, se abre numa gargalhada. Lemo-lo recordando Carroll, com a permanente impressão de estarmos a ser interpelados na nossa lógica de seres por assim dizer normais, quantas vezes fechados na unidimensionalidade do nosso pensamento e das nossas frágeis certezas.

A personagem transporta-nos, é claro, a outros famosos senhores, como **Un Certain Plume**, de Michaux, ou o **Senhor Këuner**, de Brecht. Mas convoca sobretudo Paul Valéry e **O Senhor Teste**, esse estranho livro em que o poeta francês mostra a sua ética, o seu comportamento perante a vida e as ideias. Recordemos, pelas palavras de Edmund Wilson, esse célebre Senhor Teste, que «alheio à sociedade» e se desfez «quase completamente das relações humanas: “Ele não sorria, não dizia bom dia nem adeus; dir-se-ia que parecia não ouvir a saudação das outras pessoas”. Retira-se para dormir na presença de uma visita, e o efeito que causa sobre a Senhora Teste é o de fazê-la sentir-se como se não existisse. É ríspido, metido consigo mesmo, austero; os psicólogos modernos chegariam a um diagnóstico preciso: um introvertido, narcisista e maniaco-depressivo». Mas o Senhor Teste é também uma espécie de animal intelectual, um monstro de inteligência e da consciência de si mesmo. Dono do seu pensamento e das suas emoções, constituirá uma linguagem de rigorosa precisão e, como quase tudo está ao seu alcance, ou seja, sabendo ele como se concebe o génio ou a divindade, contenta-se... em nada fazer. Aos olhos dos biógrafos, esse parentesco entre a criatura Teste e o seu criador, Paul Valéry, parece evidente – um Valéry que desde a adolescência cobria os seus cadernos com notas sobre o funcionamento do espírito, sobre o tempo, a atenção, o sonho, a verdade científica, cultivando como Teste o rigor do pensamento e da linguagem.

Será pois **O Senhor Valéry**, de Gonçalo M. Tavares, uma reinvenção paródica e para consumo infanto-juvenil de **O Senhor Teste**, de Paul Valéry – incluindo uma alusão irónica ao autor de **O Cemitério Marinho**? A pergunta aí fica. Seja a resposta afirmativa ou negativa, o certo é que o texto é um estimulante exercício de inteligência. Os adultos não desdenharão lê-lo e as nossas crianças poderão aceder a alguns dos seus sentidos profundos, aqui e acolá com a ajuda de um pai ou um professor. Retirarão assim o devido prazer das pequenas desventuras e raciocínios deste impagável senhor Valéry.

A LÓGICA E A SOMBRA

Eduardo Prado Coelho

Público, 20 Abril de 2002

Dir-se-ia que se trata de um livro para crianças. De certo modo, é. Para as crianças que um dia inevitavelmente seremos. Estão lá todas as características para reconhecer o género: os textos breves, os grandes espaços afastando os parágrafos, os desenhos da autoria de Rachel Caiano. O livro intitula-se *O senhor Valéry*, referência inevitavelmente culta, uma vez que remete para um poeta e pensador cujo nome não parece ter tocado excessivamente a fama mediática. Respeitado em França, e conhecido no mundo, Paul Valéry aparece associado a um certo academismo poético em que a forma predominaria sobre o conteúdo, e, para outros leitores mais exigentes, a um pensamento sobre a literatura ou a política que em certos aspectos poderia ser considerado conservador. É verdade que este tópico (o de um escritor demasiado frio e sem alma nem marcas de autenticidade, esquecido de qualquer visceralidade) está longe de corresponder à experiência da leitura, sobretudo

dos seus livros de reflexão, entre o ensaio e o aforismo, onde Valéry se revela de uma inteligência sempre próxima do incêndio e do delírio, e onde a forma se transforma num conteúdo que suspende todas as diferenças.

O autor do livro é Gonçalo M. Tavares (julgo que o não conheço pessoalmente) e publicou no ano passado a sua primeira obra: o *Livro da Dança* na Assírio e Alvim (confesso que está ali numa pilha que aguarda a leitura em devido tempo, mas que não tive ainda ocasião para apreciar). Mas também já escreveu teatro e recebeu o Prémio Revelação em poesia da Associação Portuguesa de Escritores, com o livro *Investigações. Novalis*. Com *O senhor Valéry* (Editorial Caminho) recebeu um outro prémio: o Prémio Branquinho da Fonseca da Fundação Calouste Gulbenkian e do jornal EXPRESSO.

Como se diz na contracapa, este senhor Valéry tem uma longa genealogia: julgo que pode vir de Diderot, passar pelo senhor Keuner de Brecht, cruzar-se com o Monsieur Plume de Michaux e com o Monsieur Teste do próprio Valéry. Mas pelo caminho troca dois dedos de conversa com o nosso Bernardo Soares do *Livro do Desassossego* e ambos se referem ao Wittgenstein que acabaram de ler. É claro que no topo desta constelação se encontra sempre o inevitável Lewis Carroll, mas também podemos convocar o francês Jacques Roubaud. São sempre homens, máquinas celibatárias do pensamento, fanáticos da lógica, cépticos em relação ao raciocínio e seus limites, com um toque de imaginação mágica que clandestinamente os aproxima do surrealismo, e, ao mesmo tempo obstinadamente desencantados, um pouco tristes nos excessos de lucidez, mas compensando a solidão e o desencanto por uma espécie de desenvoltura infantil (e por isso o senhor Valéry será sempre o irmão mais velho do Ernesto, essa famosa criança de Marguerite Duras que quis deixar de ir à escola porque na escola só ensinavam coisas que ele não sabia). Mas confesso (só Enrique Vila Matas poderia deslindar este romance) que nesta espécie de pé atrás em relação à vida e à sua roda de decisões prementes o senhor Valéry não destoa muito desse estranho e fascinante Bartleby de Melville. Há em todos eles uma zona de apatia que dissimula uma passionalidade primordial – uma paixão que vem do lado do sono. E um gosto algo macilento pela ilusão das simetrias. Por isso mesmo gostaria de convocar agora um grande poeta argentino, Roberto Juarroz: “El hombre se ha vuelto del revés./ Convendría por eso/ que usara el sombrero al revés,/ los guantes, la camisa/ y sobretudo el corazón al revés./ Y también convendría/ que diera vuelta las palabras/ las miradas que se desflecan en el viento,/ la historia de sus pálidos días, / las puertas del silencio,/ el símil de pensar con que se yergne y la conducta terca de su muerte.// Y cuando esté todo al revés/ volver a darlo vuelta al revés, / para ver se allí se encuentra su figura,/ la figura del hombre que jamás encuentro.// Porque el revés del revés no es el derecho,/ esa mísera imagen que tampoco nos sirve.”

O senhor Valéry de Gonçalo M. Tavares é alguém que vive obcecado pela simetria e no fundo a sua tranquilidade estaria adquirida se conseguisse encontrar uma simetria perfeita. A questão em que tropeça no seu passinho miúdo é precisamente aquela que Juarroz formula: o avesso do avesso não é o direito.

Um exemplo: “o senhor Valéry tinha como profissão, em dias alternados, vender e comprar. - Vendo o que comprei no dia anterior – explicava o senhor Valéry – e no dia seguinte compro algo com o dinheiro que fiz da venda do dia anterior. E assim se vai sobrevivendo – concluía.”

“E o senhor Valéry explicava: – Existe a parte de cima e a parte de baixo e uma alimenta a outra.” Mas a conclusão é mais melancólica: “Enquanto um dia se seguir ao outro, tudo bem. O problema deste negócio – sussurrava o senhor Valéry, como que a querer que ninguém o escutasse – o problema é se eu morro. Esse é o problema.”

Isto explica, por exemplo, o sonho da casa de férias do senhor Valéry: era uma casa sem volume em que as portas e fachadas eram as únicas coisas que existiam e por isso podia-se sempre entrar nos dois sentidos. Melhor ainda seria uma casa feita apenas de quatro portas juntas. “Entra-se por qualquer lado e é sempre igual. É esta a casa de férias que eu quero.” E acrescentava: “Só existirão portas. É que só consigo repousar se não tiver que decidir nada, e para que isso aconteça é indispensável que não existam opções. Parece-me lógico.”

Lógico, é. Poderíamos dizer ao senhor Valéry que a lógica nos interessa sobretudo para percebermos onde acaba a lógica: mas que fica da lógica quando a lógica acaba? Algum humor, a ironia objectiva das coisas, a nostalgia de um corpo que excedesse a lógica. Porque o senhor Valéry é um homem profundamente só.

A lógica do senhor Valéry é, como provavelmente toda a lógica, a lógica do paraíso: não existe necessidade de decidir porque todos os lugares se equivalem. Se no paraíso tudo é perfeito, não existem lugares mais perfeitos e lugares menos perfeitos, e por isso não é preciso que eu me mova de um lado para o outro. O paraíso é a abolição do espaço e a infinitização do tempo. Daí este princípio de comportamento: “um corpo é tanto mais exacto quanto menos tarefas faz”. No paraíso, não há tensões porque as intensidades são sempre as mesmas. Não há valores, porque o valor no paraíso é sempre o máximo para todas as coisas. Não há economia.

Neste plano é particularmente interessante o texto intitulado (muito teologicamente) “As três pessoas”. Parte-se do conhecimento de duas pessoas: a que o senhor Valéry foi no passado e a que ele é no instante presente. No entanto, seguindo a lógica deste raciocínio, haverá uma terceira pessoa: “se continuar a viver conhecerei uma terceira pessoa”. Mas a ideia de uma terceira pessoa, desequilibrando o espaço entre o conhecido e o desconhecido, assusta o senhor Valéry. Daí o seu sonho terrivelmente lógico: “Se correremos muito rápido e o espaço for muito curto conseguimos estar em todo o espaço ao mesmo tempo.” Ou por outras palavras: conhecer três pessoas e ser com elas uma única. Mas nunca correremos suficientemente rápido e o espaço é sempre demasiadamente amplo.

Por isso o senhor Valéry agarrava-se (desesperadamente?) à lógica e odiava a sua sombra: “O senhor Valéry não gostava da sua sombra, considerava-a como a pior parte de si próprio. Deste modo, o senhor Valéry apenas saía de casa depois de estudar longamente o sol e verificar que não corria riscos de a sua sombra surgir. O senhor Valéry explicava: – É uma mancha que por vezes se torna visível e anuncia a morte.”

Atravessar a lógica para nos fazer pensar naquilo que excede a própria lógica, empolgá-la até ao limite da sua vocação e deixá-la depois cair como quem cede à vida o que à lógica falta, esta é a lição desamparada e melancólica do senhor Valéry, que sabe que um homem pequeno nunca será um homem alto. Mas é possível, de quando em quando, dar saltos e nessa altura, diz o senhor Valéry “ Sou igual às pessoas altas só que por menos tempo”.

Discursos 2007

Maria Luísa Costa Cabral

Muito obrigada a todos.

Gostava de agradecer à Fundação Calouste Gulbenkian, ao Jornal Expresso e ao júri por esta distinção. Este prémio é muito importante para mim, pois é um reconhecimento importante e um estímulo fortíssimo para confiar e continuar com segurança e ousadia pelo caminho da escrita para crianças.

Sempre gostei muito de escrever. Desde pequena que escrevia historiazinhas abundantemente ilustradas, rimas e pequenos poemas, e diários. Diários que escrevia por umas semanas e depois esquecia por estarem demasiado bem escondidos dos meus primos, para apenas uns anos mais tarde os encontrar. Um exemplo reencontrei há pouco tempo. Permaneceu perdido provavelmente por ter sido escrito num caderno muito pequeno aos oito anos de idade. Tinha um dinossauro cor-de-rosa a tocar guitarra na capa. Só o escrevi por duas semanas. Começava no ano novo e com a descrição da batida das panelas à janela à meia-noite e acabava com um relato engraçado de um episódio no recreio da escola. Algo como: O Pedro disse que eu não era capaz de fazer habilidades com o iô-iô, e eu disse que era, e ele disse que eu não era, e eu disse que era. E no intervalo grande eu levei o iô-iô. E fiz a habilidade do cãozinho com a trela (coisa que eu não faço a mínima ideia do que seja) e ele ficou muito espantado e disse que eu não era mentirosa e eu fiquei muito contente! (Coisas deste género.)

À medida que fui crescendo continuei sempre a escrever de tudo, embora fosse estreitando as preferências de escrita. As leituras que ia fazendo, as fases de livros por que passava, influenciavam o que queria escrever. Numa altura atraíam-me as séries policiais e os livros de mistério, então escrevia histórias de detectives, polícias e ladrões. Noutra altura lia imensos livros de aventuras, então olhava à minha volta para ver como podia encaixar a aventura no dia-a-dia e inventava histórias de tesouros e mistérios. Numa época lia histórias de fantasia absoluta, então entretinha-me a fazer desenhos de criaturas inexistentes para depois as incluir em narrativas do fantástico. Depois lia histórias de diários de adolescentes de todo o género e também queria fazer à minha maneira. Então falava com os meus amigos da escola e criava personagens para eles. A seguir começava a ler romances, então vinham histórias de absurdas paixões adolescentes. O que eu escrevia quando era mais nova tinha sempre a ver com as coisas de que gostava e que me interessava trazer para o meu dia-a-dia.

Depois fui amadurecendo. Graças ao apoio e orientação de algumas pessoas especiais, entre professores, amigos e outros, eles sabem quem são. Fui amadurecendo e comecei a ter inclinações mais definidas e estáveis. As histórias para crianças foram uma delas. Eu lembro-me de ser criança. Lembro-me de ser pequena e ter ideias, problemas, de tentar resolvê-los, de lidar com os adultos. E lembro-me perfeitamente das asneiras que os adultos faziam para connosco, os miúdos. E também me lembro perfeitamente das

asneiras que eu engendrava com os meus colegas da escola e com os meus primos. Mas havia adultos que faziam as coisas mal, e nós sabíamos, não era só eu que me apercebia. Os “grandes” não viam que estavam a piorar uma birra, uma dúvida, um problema. E recordo-me de nessa altura pensar com os meus botões: espero nunca me esquecer disto. Espero nunca me esquecer de como é ser pequeno. Foi pensando desta maneira que consegui manter as minhas memórias de infância sempre por perto. E é a partir dessas memórias que nascem as minhas histórias. Lembro-me das brincadeiras, dos amigos, das birras, dos desafios, dos livros de que gostava e tento fazer algo disso. Escrever algo a partir disso.

O meu trabalho é escrever as histórias que eu gostaria de ter lido quando era pequena mas que não tinham sido ainda escritas.

Muito obrigada a todos.

Estêvão Luís Bertoni

Boa noite, senhoras e senhores...

É com grande prazer e honra que cumprimento a mesa formada:

Professor Marçal Grilo, Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian

Dr. Pedro Norton de Matos – Administrador do Jornal Expresso

Luísa Costa Cabral, minha parceira literária e vencedora da modalidade infantil do Concurso

E em nome de todos da mesa, aproveito para cumprimentar oficialmente todos vocês aqui presentes nesta noite, e em especial, uma pessoa que faço questão de agradecer em público: a directora adjunta do Serviço de Educação e Bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian, Maria Helena Borges, a quem agradeço por vários motivos, mas por dois em especial: primeiro, porque ela teve uma paciência infinita comigo – a caixa de e-mail dela ficou dois meses repleta de coisas que eu queria saber. Segundo, porque ela me aconselhou a talvez não vir de maiô de banho, camiseta e sandálias havaianas a esta cerimónia.

E ela tinha razão.

Bom, quando eu soube do Concurso Literário Branquinho da Fonseca, eu achei uma ideia objectiva e que de verdade, faria a diferença para nós, jovens aspirantes a escritores. Realmente não há muito espaço para quem está começando a escrever e uma iniciativa assim, proporciona o surgimento de talentos que não teriam chance em um mercado marcado pelos nomes comercialmente conhecidos. Mas existia uma coisa que diferenciava O Concurso Branquinho da Fonseca de outros concursos – e isso me chamou a atenção: o esforço em premiar também em dinheiro, porque esta é seguramente uma forma de dizer: nós levamos a sério o que você está fazendo.

Então, como eu não gosto muito de falar em público, porque por mais que eu disfarce, eu sou um adolescente com manias de adolescente ... quando eu percebi que eu teria que falar hoje aqui ... eu pensei que seria bom se eu dissesse para vocês o quanto é importante que existam pessoas apostando na criatividade, no talento literário de jovens em formação. Eu não sei se vocês conseguem calcular a importância de iniciativas como essa ... eu não sei se vocês sabem o tamanho real desse prêmio ... Eu tenho 16 anos, tenho um caminho enorme pela frente ... mas se eu me tornar um escritor um dia, em escritor, um escritor com a maturidade e competência necessária, vou dever isso, em grande parte, ao Prêmio Literário Branquinho da Fonseca. Porque ganhá-lo é como se várias pessoas dissessem para mim: vá em frente, você vai ser muito bom se continuar assim.

Eu estava ansioso por estar aqui ... acho que Portugal tem uma imagem de pai e mãe para nós, brasileiros. Como se a terra de vocês fosse nossa também, por herança, assim como somos herdeiros da casa que foi de nossos avós. O Prêmio Branquinho da Fonseca, da Fundação Calouste Gulbenkian e Jornal Expresso é responsável por isso também: por me trazer aqui, para que eu pudesse ver o quanto de vocês eu tenho em mim.

Muito obrigado a todos. Boa noite, Lisboa! Um dia, vocês vão ouvir falar de mim.